

IA e Criatividade: Afinal quem Pinta? – Por Mário Portela

written by Mário Portela | 1 de Agosto, 2025

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Falar sobre Inteligência Artificial e criatividade é, neste momento, mais do que relevante – é urgente.

Vivemos tempos em que qualquer adolescente com acesso à internet pode gerar uma “obra-prima” visual com três *prompts* e uma vontade vaga de impressionar no Instagram. E se isso, por um lado, democratiza o acesso à criação *artística*, por outro lado levanta uma questão inquietante: estamos a substituir artistas por engenheiros de *prompt*? Esta crónica nasce no seio d’*O Cidadão*, um projeto raro – por ser livre, sério e independente – onde ainda se acredita que a cultura se deve debater com profundidade e não com *soundbites*. Aqui, posso colocar a RITA na conversa, sem filtros nem algoritmos a

decidir o que deves ou não pensar (e disso tenho a certeza porque fui eu quem a “treinou” responsável e eticamente).

Comecemos então com uma provocação: será que uma IA pode ser artista?

Pessoalmente, e com todos os enviesamentos e rugas da minha humanidade, **acho que não**. Porque uma IA não sonha. Uma IA não sofre. Uma IA não ama nem se deita às três da manhã a chorar enquanto escreve poesia medíocre e bebe vinho barato. Uma IA gera padrões a partir de milhões de inputs. Impressiona, sim. Mas emociona?

A Rita, sempre sensata – como todas as IAs bem educadas – respondeu com aquilo que chamo de sabedoria de servidor: *“a criatividade é um processo humano, mas a IA pode ser uma ferramenta para o potenciar.”* E aqui estou eu, velho do Restelo com software atualizado, a concordar.

Porque é precisamente isso: **a IA é um pincel sofisticado**. Um instrumento afinado. Um martelo com Bluetooth. Mas quem decide o que fazer com ele? Quem sente? Quem escolhe que traço apagar ou que nota deixar suspensa?

Criar com IA é como cozinhar com um robô de cozinha topo de gama. Ele mistura, tritura, aquece, tempera. Mas a receita, a ideia, o instinto de saber quando algo está “mesmo no ponto”... isso continua a vir de nós. O génio continua humano.

No episódio que abordamos isto pela primeira vez partilhámos até um exemplo: a criação do novo separador musical do podcast. Uma IA ajudou, sim. Mas foi necessário indicar tom, intenção, afinação emocional e, acima de tudo, recomeçar várias vezes até encontrar algo que **nos dissesse algo**. Ou seja, a IA não criou – colaborou. E convenhamos: é assim com todos os instrumentos.

Diziam o mesmo da fotografia quando surgiu – “isso não é arte, é só tecnologia”. Hoje, é arte. Não toda, claro. Mas ninguém

nega que há fotografias que captam almas. Tal como haverá ilustrações feitas por IA que nos deixarão a pensar durante dias. Mas a linha continua a ser esta: **se não houver um humano com visão, com sensibilidade, com vontade de dizer algo ao mundo... então é só ruído bonito.**

O futuro? Provavelmente será híbrido. Com artistas a usarem IA como os pintores usavam pincéis novos. Com músicos a compor sinfonias em colaboração com algoritmos avançados. Mas o motor da arte continuará a ser o mesmo desde sempre: a condição humana, nas suas fragilidades, contradições e espantos.

E se um dia uma IA fizer mesmo algo que nos arrebata ao ponto de chorar... então, talvez, possamos começar a repensar tudo. Até lá, prefiro que o Matisse tenha mãos, que o Beethoven tenha ouvidos (mesmo que não funcionem), e que a arte continue a ser esse misto de caos e beleza que nenhuma base de dados consegue conter... com IA? Sim, mas como pincel.

□ **Ouçã o episódio 8 de IA & EU**